

# O apelo emocional e a mobilização para a deliberação

*Ângela Cristina Salgueiro Marques e  
Rousiley Celi Moreira Maia\**

## RESUMO

O propósito deste artigo é evidenciar como se dá a mobilização de uma deliberação pública, suscitada pelo apelo emocional de histórias ficcionais. Ao apresentarem concepções alternativas dos sujeitos homoeróticos, duas telenovelas brasileiras, a saber, *A Próxima Vítima* (Globo, 1995) e *Torre de Babel* (Globo, 1998-99), desafiaram e desestabilizaram discursos tradicionais e significados culturais dominantes, fazendo com que indivíduos e grupos sociais assumissem um posicionamento político moral e enviassem suas vozes ao espaço público. Tais vozes, encampadas pela mídia impressa, promoveram uma rede de visões e argumentos sobre diversas questões controversas a respeito do vínculo homoerótico. Buscamos evidenciar o modo pelo qual a deliberação acerca de determinadas questões polêmicas pode aproximar ou contrapor uma pluralidade de experiências de vida e de pontos de vista, de maneira que os atores sociais constroem e re-elaboram entendimentos comuns, enquanto argumentam através de suas diferenças.

Palavras-chave: deliberação, espaço público, telenovelas

---

\*Ângela S. Marques (angeliky7@yahoo.com) é mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Rousiley C. M. Maia (rousiley@fafich.ufmg.br) é doutora em Ciência Política pela University of Nottingham (UK). Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais e Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social.

## ABSTRACT

The aim of this paper is to evidence how a mobilization to public deliberation can unfold itself from emotional appeal derived from fictional stories. In showing alternative conceptions of homoerotic subjects, two Brazilian TV soap operas, *A Próxima Vítima* (Globo,1995) and *Torre de Babel* (Globo,1998-99), have challenged traditional discourses and hegemonic cultural meanings, motivating individuals and social groups to assume a political moral perspective on this matter and to present their voices in the mediatic scene. Such voices have promoted a network of points of view and arguments on several controversial questions concerning the homoerotic bond. Our effort is to investigate the manner through which the deliberation on certain polemic questions can approximate or retreat a plurality of life-experiences, in such a way that the social actors construct and re-elaborate common understandings, while arguing on their differences.

Key words: deliberation, public spaces, TV soap operas

## RÉSUMÉ

Cet article se propose à mettre en évidence la façon par laquelle la mobilisation d'une délibération publique est mise en place, en vue de l'appel émotionnel des histoires fictionnelles. Deux feuilletons brésiliens – *A Próxima Vítima* [La Prochaine victime] (Globo, 1995) et *Torre de Babel* [La tour de Babel] (Globo, 1998-99) – ont présenté des conceptions alternatives d'un sujet traitant de l'homo érotisme, défiant et destabilisant les discours traditionnels et les significations culturelles dominantes, donnant lieu à une réaction des individus et des groupes sociaux concernant l'adoption d'un positionnement politique et moral et la manifestation de leurs idées dans l'espace public. Ces idées, supportées par la presse, ont donné lieu à un réseau de perceptions et d'arguments portant sur plusieurs questions controversées concernant les liaisons homo érotiques. En outre, l'article met en évidence la façon par laquelle la délibération sur certaines questions polémiques peut rapprocher ou confronter une pluralité d'expériences de vie et de points de vue, de manière que les acteurs sociaux puissent construire et re-élaborer des accords communs, tandis qu'ils argumentent sur leurs différences.

Mots-clés : délibération ; espace public ; feuilletons télévisés .

## RESUMEN

El objetivo de este artículo es comprender cómo se da la movilización de una deliberación pública suscitada por la apelación emocional de las historias ficcionales. Dos telenovelas brasileras, *A Próxima Vítima* (Globo,1995) y *Torre de Babel* (Globo,1998-99), al presentar concepciones alternativas de los sujetos homoeróticos, desafiaron e destabilizaron discursos tradicionales y significados culturales domi-

nantes, haciendo que individuos y grupos sociales asumiesen una posición política y moral, y enviasen sus voces al espacio público. Esas voces, retomadas por la prensa escrita, promovieron una red de puntos de vista y argumentos sobre diversas cuestiones controvertidas respecto al vínculo homoerótico. Pretendimos colocar en evidencia la manera por la cual la deliberación sobre determinadas cuestiones polémicas puede aproximar o contraponer una pluralidad de experiencias de vida y puntos de vista, para entender la manera por la cual los actores sociales construyen y re-elaboran entendimientos comunes mientras argumentan a través de sus diferencias.

Palabras llave: deliberación - espacio público - telenovelas.

Os estereótipos que circulam na mídia tendem a classificar os homossexuais como pervertidos, doentes ou personagens cômicos (La Pastina,2001;Fry,1982;Monteiro,2002). Essas imagens que categorizam o grupo de forma homogênea não apenas desvalorizam a pluralidade interna do coletivo, acionando a homofobia, mas, também, e, talvez, principalmente, ameaçam a dignidade dos sujeitos como cidadãos moralmente capazes de expressarem suas necessidades de maneira plural, e, assim, defenderem seus pontos de vista. A negação do reconhecimento dos sujeitos homoeróticos constitui-se numa forma de injustiça que impede a negociação e a alteração recíproca de entendimentos que os grupos e indivíduos produzem acerca de si mesmos e dos outros (Calhoun,1995; Benhabib,1996;Young,1997).

Ao lado da “supremacia” dos códigos heterossexuais e de representações pejorativas<sup>2</sup> de grupos de sexualidade estigmatizada<sup>3</sup>, gays, lésbicas, travestis e transexuais têm conquistado vitórias significativas nos campos dos direitos civis e da cidadania<sup>4</sup>. Com relação à representação destes grupos na mídia é possível identificar um farto repertório de representações destinadas a manter o silenciamento e a exclusão dos sujeitos homoeróticos. É possível também encontrar, ainda que em menor proporção, representações que escapam ao estereótipo. Nesse sentido, condições de visibilidade proporcionadas pela mídia devem ser concebidas como uma chave política para que os indivíduos que sofrem algum tipo de injustiça simbólica possam transferir sua experiência do domínio do particular

para o domínio público e vice-versa (Maia & Marques, 2002). As condições de invisibilidade, de hostilidade e de desrespeito podem ser questionadas e desestabilizadas a partir do momento em que os indivíduos e/ou grupos que se sintam injustiçados não se reconheçam em imagens pejorativas e reivindiquem o direito de se posicionar com dignidade diante dos demais e de participar, em condições de igualdade, em qualquer tipo de deliberação. Podem, assim, alterar o entendimento que a sociedade produz acerca de suas identidades, desencadeando uma luta por reconhecimento (Honneth, 1995; Calhoun, 1995).

Cabe indagar o que acontece, por exemplo, quando algumas telenovelas começam a explorar representações alternativas do vínculo homoerótico: Pode a telenovela, produto cultural geralmente associado à exploração e à exacerbação dos sentimentos, gerar um debate politicamente relevante no espaço público?

Duas histórias que dizem respeito à temática do vínculo homoerótico, *A Próxima Vítima* (Globo, 1995) e *Torre de Babel* (Globo, 1998-99), ambas escritas pelo mesmo autor – Silvio De Abreu –, concebidas e realizadas segundo abordagens e objetivos distintos, podem nos fornecer alguns subsídios para explorar esta questão. Reconhecemos que Sílvio de Abreu não é um precursor no tratamento não-estereotipado de temáticas referentes à homossexualidade na teledramaturgia brasileira<sup>5</sup>. Contudo, os personagens destas telenovelas têm sido reiteradamente identificados por estudiosos e por participantes do próprio movimento homossexual como exemplos principais de representações que burlaram os estereótipos atrelados ao riso e à marginalidade (Monteiro, 2002; Oliveira, 2002; La Pastina, 2001).

E poderia a linguagem melodramática da telenovela mobilizar pontos de vista e opiniões de modo a proporcionar um debate público sobre problemas de interesse coletivo? Segundo Mauro Porto, é preciso estar atento, em primeiro lugar, à maneira pela qual a linguagem melodramática da telenovela aciona preferências de modo a permitir que os indivíduos focalizem sua atenção sobre determinado aspecto de situações ou problemas concretos (1994, 2002). Nesse sentido, entendemos que as emoções possuem um importante papel na definição de enquadramentos possíveis para questões de interesse público. Como proposto por Patrícia Paperman,

As emoções implicam uma tomada de posição em relação à realidade percebida e compreendida em comum. Elas possuem um valor ou uma função demonstrativa, indicando aos outros o que é importante notar em uma situação, afetando a definição social das circunstâncias, ou ainda, o tipo de perspectivas (ou de pontos de vista) que é conveniente adotar a propósito de um objeto público (1992:105).

Adotamos, pois, a premissa de que a telenovela é capaz de fornecer elementos para que os indivíduos assumam um ponto de vista valorativo, como apreciação pertinente de uma dada situação. Sendo assim, a telenovela, ao abordar temas próximos do cotidiano vivido pelos telespectadores – privilegiando histórias que assumem um caráter de “crônica do cotidiano” – permite que se transite entre os domínios do público e do privado, entre as experiências subjetivas e as coletivas (Hamburger,1998).

É preciso ressaltar, contudo, que a formação de um ponto de vista ou de uma opinião não é condição suficiente para que haja uma deliberação pública<sup>6</sup>. Deliberação é concebida, aqui, numa acepção particularmente reflexiva (Cohen,1997:73), configurando-se, nesse sentido, como um processo aberto de discussão e ponderação no qual diferentes pontos de vista são expressos e considerados. De acordo com John Dryzek, o aspecto reflexivo da deliberação se concentra justamente no “questionamento de forças previamente estabelecidas e tidas como imutáveis, as quais controlam as regras de sociabilidade e de ação social” (2000:163). Assim, a deliberação toma corpo quando uma comunicação intersubjetiva e não coercitiva, baseada na reflexão e na troca de argumentos, se desenvolve na esfera pública.

A esfera pública se constitui através do processo deliberativo, conforme caracterizado por Habermas, como um espaço de discussão, de elaboração e reflexão racionais, de busca de soluções para problemas comuns através de uma confrontação pública de argumentos (1996). De acordo com Habermas, os indivíduos buscam, através do discurso, negociar sentidos, interpretar pontos de vista, questionar o conteúdo das normas propostas, visando um consenso pela força do melhor argumento. Tal consenso não se encontra livre de futuras revisões e contestações (Habermas,1995:100). Quando tornados públicos, os pontos de vista dos participantes da deliberação podem ser aceitos ou contestados, desde que estejam livres de forças coercitivas e não fiquem restritos a interesses individuais. Para Habermas, a forma cooperativa em que se dá a

busca pelo entendimento recíproco indica que há um esforço mútuo em tornar claro, através da linguagem, o que cada participante almeja diante de uma situação problemática (Habermas, 1991:217).

Entendemos que o esforço de “tornar claro” aquilo que afeta a própria vida - problemas concernentes a grupos específicos ou à organização das relações sociais - faz com que os sujeitos entrem em diálogo, troquem experiências e opiniões. Quem se engaja num debate assume o risco de ter a própria perspectiva alterada ao tentar elaborá-la e apresentá-la diante do outro. Nesse sentido, a deliberação exige sempre que os participantes estejam “preparados para questionar as complexidades e ambigüidades de suas próprias identidades, e das identidades dos outros” (Dryzek, 2000:58). É através dessa negociação de entendimentos e expectativas que as identidades são construídas e que o reconhecimento mútuo é expresso (Honneth, 1995; Bohman, 2000).

O propósito deste artigo é examinar o modo pelo qual uma produção cultural associada às emoções pode conduzir os sujeitos à uma argumentação reflexiva e racional. Para tanto, buscamos evidenciar a polémica instaurada pelas telenovelas *A Próxima Vítima*<sup>7</sup> e *Torre de Babel*<sup>8</sup>, através de matérias veiculadas na mídia impressa de grande circulação nacional. Partimos da premissa de que as matérias referentes a tais telenovelas lidam com um conjunto de questões relativas aos grupos de sexualidade estigmatizada e instauraram, no próprio cenário de visibilidade midiática, uma rede de contestações, de diálogos e de argumentação<sup>9</sup>. De tal forma, procuramos identificar, em primeiro lugar, as questões em torno das quais o debate se desenrolou, conforme a trama e a natureza dos vínculos homoeróticos presentes, respectivamente, nas duas telenovelas. Em segundo lugar, investigamos os focos discursivos<sup>10</sup> sobre questões determinadas, ou seja, os discursos provenientes de grupos e entidades da sociedade civil, de instituições religiosas, de comunidade GLS, de especialistas e do público em geral, bem como de atores e autores de telenovelas, expressos nos textos das matérias. Com isso, buscamos detectar a configuração – o escopo e a natureza – da deliberação pública em ambos os casos<sup>11</sup>.

A respeito da intrincada relação que se estabelece entre os diferentes canais e veículos da mídia, cabe salientar que não desconsideramos

a existência de estratégias mercadológicas da própria emissora de televisão e dos veículos da mídia impressa que se valem de temáticas polêmicas para gerar expectativa entre os telespectadores e leitores, e, assim, aumentar o “consumo” de seus bens. Como produto da Indústria Cultural, a telenovela não escapa às suas regras de produção e veiculação. A diferença está na possibilidade de este bem simbólico desencadear uma recepção crítica e reflexiva. A mobilização para o debate não é garantida somente pela visibilidade dada a questões “tabu”. Para que a deliberação ocorra, os setores sociais já devem estar previamente atentos às situações que se configuram como problemas que se endereçam à coletividade. Em outras palavras, já deve existir um grau de reflexividade no meio social, o qual é responsável pela percepção de assimetrias e injustiças ancoradas nas relações sociais.

## Estereótipos questionados

Nas telenovelas brasileiras, as personagens homossexuais começam a aparecer nos anos 70. A partir dos anos 80, algumas telenovelas passaram a trazer representações que investiam no questionamento das tipificações e modelos pré-concebidos de relacionamentos entre indivíduos do mesmo sexo. Mas foi nos anos 90 que surgiu um tipo de representação que fugia aos padrões anteriormente adotados. Entre as diversas obras que abordaram a relação homoerótica produzidas a partir da década de 90, destacam-se ***A Próxima Vítima e Torre de Babel***, ambas da autoria de Sílvio de Abreu. No período de exibição dessas telenovelas, diversas empresas da mídia impressa veicularam matérias que, de um lado, resgatavam um breve histórico das representações mais correntes dos homossexuais em telenovelas e, de outro, anunciavam uma “mudança dos tempos”, em que os homossexuais passam a ser retratados como “normais”. Resta-nos indagar se essa visão não exclui aqueles que querem expressar-se por meio de trejeitos, gestos efeminados, roupas extravagantes, etc.

Em *A Próxima Vítima* os adolescentes gays Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes) têm como desafio principal revelar sua homossexualidade às suas respectivas famílias. No início da trama, os

dois são retratados como bons filhos, alunos exemplares e ótimos amigos. Segundo o próprio Sílvio de Abreu, sua preocupação principal em *A Próxima Vítima* era fazer com que o preconceito fosse discutido pelas famílias brasileiras. Para evitar a rejeição das personagens logo no início da trama, Abreu optou pelo artifício da ambigüidade:

Antes, quis que o público conhecesse mais esses dois personagens. Mas, mais do que mostrar se o casal vai ou não terminar junto, me interessa falar sobre o relacionamento e a aceitação dos homossexuais por suas famílias. (...) Quanto mais se discutir o tema de maneira natural, melhor (Sílvio de Abreu).<sup>12</sup>

Somente seis meses após o início da novela, o vínculo homoerótico entre os adolescentes vai ganhando evidência, na medida em que as desconfianças das famílias, especialmente das mães de cada um deles, começam a surgir. Sandrinho e Jefferson enfrentam, então, os dilemas e riscos de “sair do armário”: a instabilidade marca tanto o relacionamento íntimo entre eles quanto o convívio familiar. É importante ressaltar que o contato físico entre ambos é praticamente inexistente.

Já *Torre de Babel* apresenta ao telespectador uma história de amor entre duas mulheres bonitas, ricas e assumidamente lésbicas. Leila (Silvia Pfeifer) e Rafaela (Christiane Torloni) dividem o mesmo apartamento e a mesma cama desde o início da trama. Contrariamente aos dilemas enfrentados por Sandrinho e Jefferson, elas vivem um relacionamento maduro, permeado por uma forte sensualidade e cumplicidade.

O destino desses personagens na trama é diametralmente contrário. Sandrinho e Jefferson são presenteados com um belo *happy end*: passam a morar juntos e preparam uma festa no último capítulo para comemorar a união. Já Leila e Rafaela foram condenadas à morte em uma explosão de um shopping center, apenas dois meses após o início da telenovela. Os debates em torno dos gays de *A Próxima Vítima* e das lésbicas de *Torre de Babel* realizaram-se de maneira também notadamente distinta, mobilizando perspectivas e argumentos diferenciados. Porém, em ambas as telenovelas, as questões suscitadas pela sociedade tendem a coincidir com o desenrolar da trama, ou seja, as imagens e cenas mostradas delineiam a pauta das discussões e convocam diferentes atores sociais a manifestarem seus pontos de vista.



## Os dilemas do armário em *A Próxima Vítima*

Evidentemente, há uma complexa intersecção de questões em qualquer debate público. Sobre o casal gay de *A Próxima Vítima*, foi possível identificar três temas principais que emergiram da confluência de opiniões e polêmicas, expressas nas matérias da mídia impressa: a) a questão do estereótipo e do preconceito; b) a discussão da homossexualidade em família; e c) os depoimentos pessoais do público gay. Sobre o estereótipo, como já ressaltamos, outros personagens, antes de Sandrinho e Jefferson, podem ser vistos como expressão da tentativa de desvincular a imagem do homossexual da caricatura. Contudo, Sandrinho e Jefferson são o primeiro casal assumidamente gay da teledramaturgia brasileira, encarnando a possibilidade de representações mais fluidas e multifacetadas. Esta expressão foi objeto de atenção e discussão:

*A caricatura não exige respeito do indivíduo. A caricatura permite que o espectador se sinta superior. Já quando o personagem se comporta igual a todo mundo não há margem para brincadeiras (Sílvio de Abreu).<sup>13</sup>*

*Acho bom que o homossexualismo seja abordado na TV, porque a pior coisa do mundo é o silêncio. Principalmente porque já ouvi dizer que o Sílvio de Abreu não pretende estereotipar os personagens. Com isso, vamos acabar com a imagem da bicha louca (Paulo César Fernandes, presidente do grupo Atobá/RJ).<sup>14</sup>*

Como mencionamos anteriormente, a grande preocupação de Sílvio de Abreu era a de que a temática da homossexualidade fosse discutida em família. Essa preocupação pôde ser constatada, nos capítulos das telenovelas, através de uma série de diálogos que Sandrinho e Jefferson mantiveram com seus familiares, particularmente com suas respectivas mães. Quando Sílvio de Abreu declara expressamente suas intenções sobre o relacionamento homoerótico entre os dois personagens, podemos notar uma intensificação do debate sobre a questão na mídia. Militantes de movimentos gays de vários grupos do país são chamados a dar sua opinião a respeito dos personagens Sandrinho e Jefferson:

*Sandro e Jefferson são muito tímidos, muito pudibundos. Trocam olhares lânguidos, tocam-se pouco, insinuam um afeto que não faz jus à Paulicéia Desvairada, à cidade maluca em que vivem. Parecem morar na Inglaterra vitoriana (Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia).<sup>15</sup>*

A relação entre Sandro e Jefferson foi mostrada de uma forma muito bonita, mas não vimos nenhuma expressão de afeto. A TV costuma desassociar a relação homossexual do sentimento, como se fosse apenas sexo. Por que não falar de história de amor entre gays? (Cláudio Nascimento, presidente do Grupo Arco-Íris e secretário de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis).<sup>16</sup>

A falta de proximidade física entre Sandrinho e Jefferson é fonte de insatisfação para os militantes gays. Em relação a cenas de beijo ou de sexo, Sílvio de Abreu continua afirmando a preponderância da discussão sobre a homossexualidade em família. O medo de ofender os telespectadores aponta a sensibilidade dos produtores midiáticos às manifestações de satisfação ou descontentamento:

Não estou tratando de uma história de amor gay. Mas da aceitação do homossexualismo dentro da família. (...) Colocar os dois se beijando ou se acariciando de mãos dadas atingiria a grande maioria não gay. Não gosto de ofender ninguém. Detesto causar constrangimento. A minha preocupação com o universo gay é fazer com que as pessoas respeitem esse tipo de relacionamento (Sílvio de Abreu)(grifos nossos).<sup>17</sup>

Não quero intimidades! Ficaria grosseiro e apelativo. Um desrespeito ao público (Jorge Fernando, diretor geral de A Próxima Vítima).<sup>18</sup>

Para além da manifestação de afeto, alguns entrevistados manifestam preocupações que se relacionam à concepção de cidadania e à auto-estima da comunidade gay:

Sinto-me dignamente representado por Sandro e Jefferson. A novela os apresenta como cidadãos. Os dois estudam, têm família e amigos. Não são irresponsáveis nem folclóricos como os personagens de programas humorísticos. Não saem rebolando pelas ruas à caça de parceiros. Também não se comportam como os tipos exóticos que o dramaturgo Néelson Rodrigues criou. Não são suicidas nem assassinos em potencial. Tratar os homossexuais na televisão com delicadeza, sem exageros, eleva a auto-estima da comunidade gay (Toni Reis, secretário geral da Associação de Gays, Lésbicas e Travestis/ABGLT, com sede em Curitiba) (grifos nossos).<sup>19</sup>

Toni Reis associa a cidadania de Sandro e Jefferson ao fato de ambos estudarem, terem família e amigos. De acordo com Axel Honneth (1995), um indivíduo que possui o apoio de sua família e de seus amigos, que exercita sua criatividade nos estudos ou no trabalho, que se posiciona dignamente diante dos outros, é potencialmente capaz de fazer planos, de estabelecer relacionamentos, de realizar projetos, de lutar por seus direitos e de viver de acordo com um projeto de vida que deve ser moralmente valorizado por todos. Sandrinho e Jefferson não aparecem como excluídos. Por isso, para Toni Reis, eles “não são suicidas, nem assassinos em potencial.”

O fato de uma representação alcançar o universo da cidadania fez com que Toni Reis mencionasse o aumento da auto-estima da comunidade gay. O cidadão é aquele que é valorizado por sua capacidade moral de defender seus posicionamentos de maneira autônoma, isto é, ele se posiciona frente aos outros como sujeito portador de direitos (Cooke, 1997; Telles & Paoli, 2000). Por isso, acreditamos que a cidadania está muito além da necessidade de simetria entre direitos e deveres. Um cidadão é capaz de mobilizar recursos subjetivos e coletivos, de modo a refletir sobre injustiças que o atingem, e em relação às quais deve elaborar suas próprias demandas.

## Da sombra à visibilidade

*A Próxima Vítima* teve seu início em março de 1995, mas somente em agosto, a relação homoerótica entre Sandrinho e Jefferson é confirmada. Após a cena em que Sandrinho conta à sua mãe que é gay, a mídia impressa veicula uma série de depoimentos auto-biográficos. O jornal *Folha de S. Paulo*, por exemplo, publica no caderno “Folhateen” uma reportagem que traz, entre outros dados, o depoimento biográfico de três adolescentes que já haviam passado pela experiência do “assumir-se”. Obviamente não podemos desconsiderar, aqui, as estratégias de marketing da mídia impressa, que se serve de temas polêmicos para despertar o interesse de um segmento específico de seus leitores. Contudo, para nossos propósitos, interessa assinalar que o ato de contar uma história particular ou o ato de dar um testemunho subjetivo são formas importantes de despertar a sensibilidade dos demais sujeitos de uma dada coletividade, podendo perfeitamente conviver com as formas de argumentação racionais. Iris Young (1996) e John Dryzek (2000) consideram que esses atos são formas de valorizar a experiência singular de um indivíduo ou grupo, de modo a torná-la passível de ser compartilhada.

As histórias de alguns adolescentes, reportadas em matérias da mídia impressa, podem ilustrar tal ponto. De maneira narrativa, a experiência do químico A.P., de 22 anos, é utilizada para reafirmar os propósitos de Sílvio de Abreu que, ao tratar da homossexualidade no horário nobre da Rede Globo, queria que o assunto fosse discutido pelas famílias que assistem à telenovela:

Segunda-feira, dia 31 de agosto, 20h30. A.P., 22, assistia com a família à novela da Globo, *A Próxima Vítima*. Na TV, Sandrinho (André Gonçalves) diz para a mãe, Ana (Suzana Vieira) que é gay. Na sala, A.P. e a mãe começam a chorar e lembram de uma conversa semelhante, há 4 anos. A diferença: na novela, tudo fica bem. Ana apoia o filho. Na sala de estar, o pai de A.P. sai batendo a porta e diz que não quer ficar “ouvindo bobagem”. (...) A.P. passou por maus momentos quando seu pai descobriu. “Ele saiu correndo atrás de mim pela rua, querendo me bater”, diz o garoto, que à época tinha 18 anos. Hoje em dia, os dois vivem mal. Pai: “Você não tem roupa de mulher para vestir?” A.P.: “Eu me sustento e não preciso de você.” Pai: “Olha que lindo, seu primo com a namorada no carro. Eu queria tanto um filho assim...” A.P.: “Olhe que lindo o carro que o tio deu para meu primo. Queria tanto um pai assim...”<sup>20</sup>

O próprio Sílvio de Abreu ressalta que se inspirou no caso de alguns amigos para escrever a cena do diálogo entre Sandrinho e sua mãe. Para Abreu, a mãe do personagem mostrou-se aberta ao diálogo e à compreensão, porque ele acredita que, se os adolescentes encontrarem o apoio e o carinho dos pais, os traumas podem ser evitados: “Conheço muita gente que saiu de casa quando os pais descobriram que eles eram homossexuais e acabaram caindo na marginalidade” (Sílvio de Abreu).<sup>21</sup>

No caso de Jefferson tudo se torna mais complicado, pois além de gay, ele é negro. Assim, após a exibição da cena em que ele assume sua homossexualidade diante de sua família (algumas semanas após Sandrinho), a *Folha de S. Paulo* publicou depoimentos biográficos e comentários que expressavam a opinião dos telespectadores em relação ao papel de “negro e gay” interpretado pelo ator Lui Mendes. Os entrevistados tinham sempre essas duas posições identitárias, ou seja, eram negros e gays.

A título de exemplo, destacamos dois depoentes que narram suas próprias experiências com o preconceito, em diferentes âmbitos sociais (família, trabalho, colégio, bairro), associando-as explicitamente ao drama vivido por Jefferson. Segundo Leonardo Avritzer, esse nível no qual a experiência do outro é “comparada e nivelada com a experiência conhecida, implica uma reflexividade na medida em que a experiência do outro é submetida a um crivo moral que permite a sua contextualização e discussão” (2000:77). Ressaltamos que isso ocorre mesmo que esse outro seja um personagem de TV:

Quando contei aos meus pais que era gay, há quatro anos (eu tinha 17), a reação foi parecida com a da família do Jefferson. Minha mãe chorou, meu pai ficou revoltado e só uma irmã (são três) aceitou. Uma outra fez um drama danado. Disse que tinha amigos homossexuais, mas não queria que o irmão dela fosse.

Tive que me mudar no mesmo dia. Morei fora um tempo e voltei, mas não se toca no assunto. Contei tudo para minha família porque eles começaram a desconfiar e ficavam me controlando (Denevaldo dos Santos, 31, vendedor)(grifos nossos).<sup>22</sup>

“Todos os meus amigos comentam”, diz o garçom do bar Ritz, Luiz Wenceslau, 31, que é negro e homossexual assumido. “O Jefferson é uma dupla conquista. Ele é negro e gay, sem ser estereotipado”.<sup>23</sup>

Os casos destacados se assemelham à experiência de Jefferson por dois motivos: a interseção entre raça e sexualidade. Os depoimentos apontam não só injustiça cultural, mas, também, econômica, como a experiência de demissão do trabalho, de expulsão de casa e o risco de ficar sem moradia. De acordo com Nancy Fraser (1997), grupos e indivíduos que sofrem ambos os tipos de injustiça precisam tanto do reconhecimento de sua diferença quanto de uma nova forma de redistribuição de acesso e usufruto de bens materiais responsáveis por um padrão de vida digno:

Desde criança sofri preconceito no colégio e no bairro. O fato de ser negro, além de homossexual, piora muito. O preconceito surge de maneira muito sutil. Há sete anos perdi o emprego em uma loja porque era gay e, tenho certeza, também por ser negro. Entre os gays, também há preconceito racial. Uma vez, um cara branco disse a um amigo que se eu não fosse neguinho ele até namorava comigo. No caso do Jefferson a reação do público é boa porque eles romanciam um pouco a história. Em casos isolados, ninguém é tolerante (Denevaldo dos Santos, 31, vendedor).<sup>24</sup>

Wenceslau conta que já enfrentou duplo preconceito. “A síndica de um prédio em que eu morei, nos Jardins, comandou um abaixo assinado para me expulsar dali. Eu era o único negro do prédio e ela espalhou que eu era gay também. Reagi e só saí quando quis”, lembra.<sup>25</sup>

O “duplo preconceito”, revelado pelas falas aqui destacadas, nos remete à concepção não essencialista de grupo social. Um grupo não pode ser entendido como uma entidade homogênea, em que todos os indivíduos compartilham as mesmas características e anseios. Entendemos que um grupo é composto por indivíduos plurais, que transitam também por outros grupos e que, por isso, possuem posicionamentos e “identidades intersectantes” (Young, 1997:392; Somers & Gibson, 1994; Hall, 1997; Maia, 2002). Sendo assim, os membros de grupos oprimidos podem compartilhar alguns interesses, experiências e percepções comuns, mas eles são também heterogêneos e, algumas vezes, profundamente divididos (Young, 1997). O fato de um indivíduo se posicionar como gay e como negro, faz com que ele declare seu pertencimento a grupos distin-

tos e que, portanto, apresentam anseios, necessidades e crenças distintas: “Dentro do próprio movimento negro, ainda existe muita resistência aos homossexuais” (Fernando Conceição, 33, coordenador do Núcleo de Consciência Negra de São Paulo).<sup>26</sup>

Percebemos, então, que histórias que documentam o universo “secreto” do homoerotismo, ou que expressam o infortúnio de indivíduos isolados, ao serem reveladas publicamente mostram o impacto do silêncio e da repressão sobre as vidas daqueles afetados e trazem à tona sua trajetória de contingências, ambigüidades e esperanças. A experiência publicizada, por sua vez, passa a “expressar a experiência compartilhada de muitos outros, fazendo emergir o potencial para uma ação coletiva voltada para o alargamento de padrões de reconhecimento” (Silva, 2000:126).

O que gostaríamos de destacar é que o conhecimento situado de cada grupo, aquele que é constituído a partir de experiências singulares, quando entra no debate, contribui para o enriquecimento das diferentes perspectivas e pontos de vista e para a negociação entre eles. As narrativas auto-biográficas refletem a necessidade de, dentro de um debate pluralista, considerar os interesses, as particularidades e as necessidades dos nossos parceiros deliberativos diferentemente situados (Young, 1997; Dryzek, 2000). Numa situação em que vários sujeitos plurais procuram compreender-se uns aos outros, a experiência revelada numa narração torna-se um código capaz de reunir ou separar os sujeitos, mas faz com que marcas subjetivas se tornem inteligíveis para a coletividade (Habermas, 1987:136).

Acreditamos que os diálogos que se estabelecem entre as experiências cotidianas desses grupos e as experiências dramatizadas nas telenovelas podem esclarecer como as injustiças simbólicas afetam tanto o auto-entendimento dos grupos oprimidos quanto os processos de entendimento, de comunicação e de solidariedade entre os distintos grupos existentes em nossa sociedade. Segundo Bohman, experiências biográficas diferentes podem revelar os limites e o caráter perspectivo dos entendimentos compartilhados por muitos na comunidade política (2000:60). Cabe ressaltar que este mecanismo não se resume ao ato de ouvir o discurso confessional de alguém. O diálogo baseado na troca de experiências ex-

pande os entendimentos que os grupos produzem acerca de si mesmos e dos outros e, além disso, contribui para a reformulação de interpretações e representações, abrindo espaço na deliberação para um amplo escopo de identidades e experiências (Bohman, 2000:61).

## Duas lésbicas em *Torre de Babel*

Ao contrário do que aconteceu com *A Próxima Vítima*, a polêmica em torno das lésbicas Rafaela (Christiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeifer) começou a ocupar espaço na mídia impressa um ano antes do início da trama. É possível identificar três questões nucleadoras do debate, nos textos de jornais e revistas: a) a polêmica em torno da propriedade da presença das lésbicas na telenovela; b) a “cruzada” a favor da moral e dos bons costumes, encabeçada pela Igreja Católica, pela TFP (Tradição, Família e Propriedade), por algumas escolas de São Paulo, com várias manifestações de repúdio à visibilidade alcançada pelas personagens lésbicas; e d) a explosão do shopping center – ocorrida quase dois meses após o início da trama –, em que Leila e Rafaela morrem, o que suscita pedidos de telespectadores e de militantes gays para que as duas voltassem à trama.

Em dezembro de 1997, isto é, cinco meses antes do início da exibição da telenovela, o jornal *Estado de S. Paulo* anuncia a presença de um relacionamento aberto entre duas lésbicas<sup>27</sup> – que vivem uma relação estável há vários anos – nesta próxima telenovela de Sílvio de Abreu.

Em março de 1998, a mídia impressa revela que, logo nos primeiros capítulos da telenovela, iriam acontecer cenas de banho e de intimidade sexual entre Leila e Rafaela. Antes mesmo que os capítulos estivessem sendo exibidos, a polêmica já estava instalada por vários elementos: duas lésbicas elegantes, bonitas e ricas iriam tomar banho juntas e poderiam até se beijar. Além disso, como já apontamos, a sinopse da telenovela já antecipava que Rafaela morreria e que Leila teria um relacionamento amoroso com Marta, personagem interpretada por Glória Menezes, símbolo da grande esposa e mãe da televisão brasileira. As possíveis cenas de intimidade entre as lésbicas eram as mais comentadas e as que mais geravam aversão e reações controversas no público:

“Mulher com mulher tem uma delicadeza que acho que desperta até um fetiche nas pessoas” (Dira Paes, atriz).

“Eu tenho horror, ojeriza a isso” (Clara Hilda Weber, 70, dona de casa).

“Ridículo. Não dá nem para pensar numa coisa dessas: trocar o Tarcísio Meira por uma mulher” (Iracema Gama, 49, dona de casa).

“Eu acho estranho, se fosse minha filha, teria dificuldade em aceitar. Fico chocada” (Janete Magalhães, 54, professora aposentada).

“Não me choca ver mulher com mulher na TV. Homem com homem me choca mais. Mas são coisas que tendem a ficar cada vez mais em evidência” (José Carlos Albuquerque, 51, dentista).<sup>28</sup>

Para tentar serenar os ânimos, a Globo e as próprias atrizes revelam à mídia que cenas de sexo, beijo, abraço ou toques mais íntimos não iriam acontecer:

Para não chocar os telespectadores, a direção da Rede Globo mandou avisar à equipe que cenas de beijo e frases do tipo “eu te amo” estão terminantemente proibidas. Carinho no rosto também não pode<sup>29</sup>.

Não vai ter nenhuma cena de sexo e muito menos beijo na boca. É muito difícil a TV Globo exibir em horário nobre algo que vá chocar a família brasileira (Christiane Tortoni)<sup>30</sup>.

Acho que uma abordagem mais explícita afastaria o telespectador médio e constrangeria as pessoas em suas casas diante de suas famílias. Não quero que o relacionamento entre Rafaela e Leila seja rejeitado pela sociedade. Quero que seja aceito como agradável e harmonioso (Sílvio de Abreu)<sup>31</sup>.

Sílvio de Abreu se mostra preocupado em relação à aceitação de Leila e Rafaela pelo público, pois, logo no início da trama, elas já são apresentadas como lésbicas. É preciso estar atento para o risco de tentar estabelecer causalidades diretas entre o gosto do “telespectador médio” e a rejeição a temas polêmicos. Basta lembrarmos que, muitas vezes, classes mais baixas são muito mais resistentes a temas como a homossexualidade.

Após a estréia de *Torre de Babel* (25/05/98), os setores conservadores da sociedade brasileira passaram a demonstrar, com mais veemência, sua insatisfação contra as cenas de extrema violência mostrada logo nos primeiros capítulos. É importante registrarmos que as primeiras reações contra *Torre de Babel* são difusas e abrangem outros personagens, além das lésbicas. O primeiro capítulo é marcado, não apenas por cenas que mostram a intimidade de Leila e Rafaela, mas, também, por um assassi-



nato a golpes de pá cometido por Clementino (Tony Ramos), por uma crise de abstinência do drogado Guilherme (Marcelo Antony) e pela invasão – seguida de tiroteio – da mansão da abastada família Toledo por um grupo de traficantes armados. Esse conjunto de elementos fez com que alguns telespectadores fizessem associações entre temáticas como sexo, drogas, homossexualismo, infidelidade, assassinato, ódio, vingança, etc:

A exploração do homossexualismo, lesbianismo, crimes, infidelidades, aborto, etc, fatores que afetam a família, em nada constrói ou reforça os alicerces dessa mesma família tão desvalorizada nos dias de hoje. Posso afirmar com segurança que essas e outras novelas, bem como programas que se apóiam na vida real ou histórica, não refletem a realidade. E mesmo que fosse assim, estariam contribuindo para a destruição dos valores morais. Os responsáveis darão contas a Deus e também os patrocinadores e até os que sintonizam, pelo apoio financeiro ou moral que dão a essas mazelas (Dom Eugênio Sales, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro)(grifos nossos) <sup>32</sup>.

Sílvio de Abreu conseguiu uma façanha: reunir, em uma só novela, todos os ingredientes negativos dos sentimentos humanos. O assassinato, a traição, o homossexualismo, o ódio, a vingança, a infidelidade, as drogas, estão presentes na TV, no horário das 20h30, quando a audiência é maior e mais diversificada, atingindo até mesmo as crianças (Lenita Soares, RJ) (grifos nossos) <sup>33</sup>.

O que está acontecendo com os meios de comunicação ultimamente? Em especial com as novelas que têm dedicado tanto espaço para promover as mais diversas formas de homossexualismo? Já que Sílvio de Abreu se preocupa tanto em mostrar a realidade, ele deveria mostrar aquela vivida pela maioria do público, como menores cheirando cola nas ruas, em vez de mostrar riquinhos drogados, homossexualismo, temas estes que levam à desagregação familiar (Aziz Beze, GO)(grifos nossos)<sup>34</sup>.

Contrariamente, outros telespectadores, assim como a atriz Christiane Torloni, conseguiram desvincular homossexualismo de violência e imoralidade:

O que mais me surpreende é que se ponha no mesmo balaio violência, drogas e homossexualismo. Os dois primeiros tópicos são problemas sociais. Já o homossexualismo é uma opção, e em muitos países há até legislações específicas que permitem a essas pessoas se casarem e adotarem crianças. Não aceitar isso é uma demonstração de atraso(Christiane Torloni) <sup>35</sup>.

Pela primeira vez um casal homossexual mostrou seu cotidiano sem agredir os telespectadores. Imoral é a fome, a violência e a corrupção que aparecem todos os dias nos noticiários e, o que é pior, de forma realista, sem ficção (Alexandre Fiore, RJ)(grifos nossos)<sup>36</sup>.

Aproveito para registrar a minha indignação contra as pessoas que insistem em reclamar de “Torre de Babel”. É lastimável constatar o preconceito e a ignorância que ainda imperam em nossa sociedade. Não concordo com os leitores que afirmam que o homossexualismo exposto na novela agride aos telespectadores.

Por ser algo tão atual e real, já deveria ser aceito e compreendido. Peço também para que Leila e Rafaela continuem juntas na trama (Andréia Rocha,RJ)(grifos nossos)<sup>37</sup>.

De maneira mais específica, a organização social “Tradição, Família e Propriedade” (TFP) protestou contra a presença das lésbicas em *Torre de Babel*. Ao ser indagado sobre a posição da TFP com relação à visibilidade alcançada pela temática da homossexualidade feminina, o diretor de imprensa dessa entidade responde:

É a mesma posição da doutrina católica, reiterada em ensinamentos recentes do Papa João Paulo II. O homossexualismo – quer feminino, quer masculino, tanto faz – é uma prática que viola não apenas a Lei de Deus, mas a própria Lei natural. O instinto sexual, integrante da natureza humana, existe em ordem à procriação. Desviá-lo dessa finalidade, além de ser grave pecado, importa práticas contra a natureza (Paulo Corrêa de Brito Filho, diretor de imprensa da TFP)<sup>38</sup>.

Ao revigorar a campanha “O Amanhã de Nossos Filhos” (OANF), que existia desde 1989, a TFP tem como objetivo maior “protestar contra a imoralidade desenfreada de programas de TV.” A campanha da OANF defende que os princípios católicos da sociedade brasileira estariam sendo subestimados pela TV:

É difícil tratar de pontos positivos numa obra repleta de ensinamentos e atitudes contrárias à moral católica e à tradição de nosso povo. Seria como, num copo com água envenenada, tentar tomá-la sem o veneno. O aspecto deletério da novela não reside apenas nos episódios das lésbicas e do drogado. É uma reação do público à novela constitui exemplo salutar e um convite aos empresários de TV a mudar a orientação de seus programas (Paulo Corrêa de Brito Filho, diretor de imprensa da TFP e coordenador geral de OANF)<sup>39</sup>.

*Torre de Babel* foi tomada como motivo para mobilizar o debate acerca do excesso de violência e dos “abusos” da mídia por um grupo de escolas particulares de São Paulo. Ciro de Figueiredo, presidente do Grupo-Associação de Escolas Particulares (entidade que representa 58 escolas em SP), apontou *Torre de Babel* como um exemplo de exacerbação de violência e erotismo (referindo-se às cenas de sexo entre os casais heterossexuais da novela).

Queremos que a nossa campanha contra a violência e o sexo na TV seja um despertar de consciência. Vamos recomendar aos pais e alunos para não comprarem os produtos dos patrocinadores desses programas. Esses assuntos deveriam ser abordados em forma de debate e não como trama de novela (Ciro de Figueiredo)<sup>40</sup>.

Além da manifestação das escolas particulares, uma comissão especial foi criada no Senado para inaugurar um “conselho comunitário”

que seria responsável por debater a programação televisiva e radiofônica exibida no país. O senador Pedro Simon, relator da comissão – o relatório final elaborado pela comissão apresentava uma análise da programação das emissoras de rádio e televisão brasileiras – afirmou que jamais vira alguma cena de *Torre de Babel*, mas, pelo que já tinha ouvido falar, estava ciente de que seu conteúdo era altamente polêmico:

Não existe hoje nada que influencie mais a formação do povo brasileiro do que a televisão. É mais importante que a própria família, que a escola e a religião. A novela [Torre de Babel] cai sob medida para a comissão. Vai causar repercussão e, com isso, possibilitar o debate que estamos propondo. Se fosse água com açúcar, esvaziaria as questões levantadas pelo relatório. Torre de Babel é a prova de que quem faz a televisão brasileira é o Ibope (Pedro Simon, PMDB – RS)<sup>41</sup>.

Vimos que a polêmica instaurada nas primeiras semanas de exibição de *Torre de Babel* não se deteve somente em torno das lésbicas. Para muitas entidades sociais, como as escolas, a TFP e a Igreja, a telenovela serviu apenas para ilustrar um farto repertório de programas que contrariavam a moral e os bons costumes, por privilegiarem cenas de violência, erotismo e homossexualidade. O movimento de insatisfação contra tais programas já se encontrava, de tal sorte, presente na sociedade. Contudo, a reação contra as lésbicas teve uma característica peculiar: o medo de que, ao mostrar um casal de lésbicas feliz e bem-resolvido, a telenovela pudesse incitar e propagar essa orientação sexual entre os telespectadores.

## Quem tem medo da visibilidade?

O debate em torno das lésbicas de *Torre de Babel* tendeu a se reduzir ao dilema sintetizado pela pergunta “elas ficam ou saem da telenovela?”. Aqueles que defendiam a permanência delas na trama enfatizaram o talento das atrizes Sílvia Pfeifer e Christiane Torloni, argumentando que a **visibilidade** é um dos meios mais poderosos que os grupos de sexualidade estigmatizada possuem para lutar contra a injustiça simbólica:

Fiquei decepcionada ao saber das mudanças na trama de Torre de Babel. O que mais me entristeceu foi que além da morte da personagem Rafaela, Leila também morre. O casal homossexual é bem resolvido e feliz, sem aquele estereótipo comum que as pessoas imaginam. Todas as cenas apresentadas com as duas foram impecáveis. As atrizes mostram sutileza e delicadeza (Bernadete Sena, MG).<sup>42</sup>

Mesmo o tema sendo rejeitado, é um passo gigantesco para o fim do preconceito. A sociedade ainda vê os homossexuais como um desvio de conduta e não como uma opção sexual (Alfredo Romero, médico e sexólogo).<sup>43</sup>

Por que é tão difícil admitir a diferença? Toda forma de preconceito é cruel e segregadora. Quanto mais invisível mais desumana ela se torna. (...) Mais corrosivo que o racismo é o preconceito ao homossexual, que torna difícil para eles construírem sua identidade e lutar por seus direitos (Fabiana Carvalho, MG).<sup>44</sup>

A forma de violência simbólica a que os homossexuais estão submetidos apresenta-se como a negação da existência pública desses indivíduos (Bourdieu, 1999:143). Regras heterossexistas promovem categorizações e tipificações que levam ao estigma e à invisibilidade social. Os homossexuais são prejudicados não apenas no âmbito dos direitos – este ainda regido por normas que não contemplam devidamente suas reivindicações – mas deparam-se, também, com representações que impedem o seu relacionamento em parceria com os outros, visto que são tidos como invisíveis:

A opressão como forma de invisibilização traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida, sobretudo pelo Direito, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade (Bourdieu,1999:144).

Os grupos que defendem a invisibilidade procuram justificar tal postura alegando, sobretudo, os malefícios que uma abordagem explícita do homoerotismo feminino no horário nobre da televisão poderia ocasionar aos padrões de mentalidade e às regras de socialização da sociedade. O medo instaurado pela presença de Leila e Rafaela em *Torre de Babel* baseou-se no chamado “poder de sugestão subliminar” da mídia, supostamente capaz de induzir e alterar comportamentos:

Nenhum pai ou mãe aceita um casal homossexual vivendo conjugalmente na TV, pois acredita que o filho possa seguir o exemplo (Alfredo Romero, médico e sexólogo).<sup>45</sup>

Eu não concordo. A gente até sabe que homossexualismo existe na vida real, mas ainda é uma coisa marginal. Mostrar na televisão é um incentivo. E não é conveniente (Alvânea Guimarães, 58, economista aposentada).<sup>46</sup>

[A presença de um casal gay na novela das oito] é mais nociva do que útil. A exibição desses casos fere a realidade porque insinua um modelo de vida que as pessoas pouco críticas consideram normal. Hoje, está comprovado que o poder da sugestão subliminar tem enorme alcance e que pode mudar comportamentos (Dom Estevão Bittencourt, teólogo e monge beneditino).<sup>47</sup>

Há, na sociedade, uma espécie de temor de que basta conviver com um homossexual para que alguém, automaticamente, se transforme em homossexual. No segundo capítulo de *Torre de Babel*, a mãe de uma das funcionárias da loja de Leila e Rafaela obriga a filha a deixar o emprego por medo de que ela “virasse” lésbica. A amizade de Rafaela com Marta (Glória Menezes), intensificada após a separação desta última, também rendeu especulações nesse sentido:

Como aquela mulher que não tem mais marido, tem amizade com aquela que é sapatão? Se essa amizade vai levar ou não a uma relação sexual eu não sei. É o mesmo que você ter um amigo gay, sair junto com ele, e falarem que você é veado (Sílvio de Abreu).<sup>48</sup>

Várias foram as vezes em que Sílvio de Abreu teve de defender sua posição de que “novela não muda a cabeça de ninguém”:

A novela não cria novos homossexuais, apenas ajuda quem já era a se assumir. O que é muito bom (Sílvio de Abreu).<sup>49</sup>

Uma abordagem séria, sem preconceito ou caricatura, como foi a da novela *A Próxima Vítima* e será a de *Torre de Babel*, contribui para que mais pessoas tenham a coragem de se assumir ou como homossexuais, ou, simplesmente, como defensores de um estilo de vida alternativo que pode ser tão respeitável e digno quanto o tradicional (Sílvio de Abreu).<sup>50</sup>

Se coloco duas lésbicas que se dão bem numa novela, eu não estou dizendo para as esposas que larguem seus maridos e peguem suas mulheres. O que eu faço sempre em minhas novelas é lutar contra o preconceito. Sempre (Sílvio de Abreu).<sup>51</sup>

A visão da mídia como portadora de um “poder de sugestão subliminar” é, a nosso ver, bastante redutora, uma vez que não há como verificar de maneira simples ou imediata como se dá o processo de mudança de comportamento, como efeito direto de um produto midiático. É claro que padrões consumistas ou de apropriação de gírias, frutos de modismos lançados por uma determinada telenovela ou programa de televisão são fáceis de serem detectados. Contudo, ressaltamos que o papel mais relevante da mídia está em proporcionar referências e bens simbólicos, com os quais, os sujeitos sociais lidam a partir de seus próprios quadros interpretativos e padrões valorativos diferidos. De tal modo, a mídia possui, também, um poderoso potencial para desencadear um processo reflexivo entre os sujeitos sociais, provocando o questionamento de imagens ou de concepções cristalizadas, pejorativas ou tidas como imutáveis. A mídia não é mera reprodutora de mensagens ou comportamen-

tos, mas participa ativamente dos processos de debate e de comunicação intersubjetiva na sociedade (Thompson, 1998; Maia, 2001, 1998). É através da mídia que muitas representações alcançam visibilidade e passam a compor um quadro de pré-entendimentos compartilhados, os quais nos auxiliam a compreender e a tematizar problemas que nos afetam de modo direto ou indireto. Assim, a mídia tanto contribui para a composição de entendimentos comuns de certas situações quanto influi na desestabilização do senso comum.

O universo das certezas compartilhadas, de suposições inquestionáveis, do senso comum, é descrito por Habermas como o “terreno do imediatamente familiar e do conhecimento implícito” (1998:237). O conhecimento pré-reflexivo faz parte da construção dos sentidos e das experiências, nas práticas cotidianas, e pode ser contraposto ao conhecimento que é constantemente tematizado e mobilizado em situações discursivas de reflexão acerca de problemas (Habermas, 1998). Podemos dizer, então, que as representações estereotipadas dos homossexuais que circulam rotineiramente na sociedade fazem parte de um horizonte de convicções coletivas e de um conjunto de modelos interpretativos tidos como imperturbáveis. Entretanto, a familiaridade expressa por estes modelos é suspensa quando uma representação considerada como inquestionável passa a ser tematizada como problema.

O que pretendemos ressaltar é que, dependendo da abordagem destinada a uma determinada questão ou temática, um debate público pode ser redimensionado, isto é, pode passar de discussões que afirmam posições do senso comum para discussões e reflexões em torno das regras que regem os relacionamentos sociais e culturais.

## Explosão conservadora

Após apenas 12 dias de exibição de *Torre de Babel*, ao perceber que os índices do Iprobe despencavam vertiginosamente, a Rede Globo decidiu antecipar o primeiro *group discussion*, ou seja, uma pesquisa qualitativa de opinião em que um grupo diversificado de telespectadores de São Paulo e do Rio de Janeiro se reúne, a portas fechadas, para discutir a trama. A rejeição acerca da telenovela era quase total.<sup>52</sup>

Paralelamente, os diretores da Globo fizeram inúmeras reuniões para decidir um novo rumo para a história. Foi realizada, então, uma “gambiarra urgente”<sup>53</sup>: decidiu-se pela morte das lésbicas e de outros personagens que desagradavam ao público. Carlos Manga, diretor do núcleo de dramaturgia da Rede Globo, reeditou pessoalmente as cenas que já haviam sido gravadas até o capítulo 40. Mas quem vetou as personagens lésbicas foi Daniel Filho, diretor artístico da Globo (Motter, 2000:58).

A morte de Rafaela já estava prevista desde o início da trama para o dia 15/07/98 (no capítulo 45 do folhetim). Contudo, Sílvia Pfeifer desistiu de permanecer na trama sem a sua companheira. A explosão de um shopping center retirou da história todos os personagens que não estavam agradando a audiência, inclusive as lésbicas. Antônio La Pastina (2001) e João Silvério Trevisan (2000) acreditam que a morte simbólica das lésbicas teve como motivo a harmonia do relacionamento entre duas lindas e bem sucedidas mulheres:

Tais reações negativas certamente não ocorreriam caso as personagens lésbicas fossem mal-amadas, grosseiras e infelizes, quer dizer, não poderiam criar tanta empatia social com uma imagem positiva. Parece que diante de amores lésbicos, o lar brasileiro tanto mais se vulnerabiliza quanto mais essas mulheres forem parecidas com aquilo que a fantasia machista caracteriza como “nossas filhas, irmãs ou esposas” (Trevisan, 2000:306).

Ao contrário do que aconteceu em *A Próxima Vítima*, a audiência não conseguiu estabelecer paralelismos entre a representação de “lésbica” e os papéis sociais de “filhas”, “irmãs”, “esposas” e “mães”. Em relação a Sandrinho e Jefferson, as dimensões de “gays”, “irmãos”, “estudantes” e “filhos” se encaixavam perfeitamente. Por que isso não aconteceu com Leila e Rafaela? É plausível supor que o tratamento dado por Sílvia de Abreu ao relacionamento entre Sandrinho e Jefferson contribuiu para que houvesse tempo suficiente para que o público estabelecesse múltiplos laços de identificação com os dois. A lenta descoberta da homossexualidade, marcada sempre por uma certa ambigüidade do vínculo homoerótico (eles são ou não são gays?), acompanhou passo a passo a construção do auto-entendimento e da identidade sexual do casal. Em contrapartida, o vínculo homoerótico entre Leila e Rafaela recebeu um tratamento direto do autor. Elas não deixaram margem a dúvidas ou desconfiças, pois se apresentam como lésbicas desde o primeiro capítulo da trama.

Leila e Rafaela mostraram, audaciosamente, o que os telespectadores brasileiros admitem que aconteça somente entre quatro paredes e bem longe de seus olhos e de seus lares. Elas trouxeram ao público uma intimidade estranha, porém não-risível:

[Leila e Rafaela] estavam muito perto do público, porque tinham família, dinheiro, beleza, trabalho, dignidade e auto-estima. Como rir disso? Aqui, a homossexualidade torna-se impossível de ser ignorada, pois ela integra o mundo em que vive o público médio (Monteiro, 2002:280).

A imagem de Leila e Rafaela também pôde fazer com esse mesmo público estabelecesse aproximações e distanciamentos em relação às suas próprias experiências. É interessante percebermos como a representação das lésbicas desafia também as identidades heterossexuais. Mais uma vez o processo reflexivo nos mostra que a apropriação de representações midiáticas deve ser sempre associada ao contexto de cada telespectador, à sua capacidade seletiva crítica, e ancorada à biografia particular (Barker,1997):

As pessoas complicam muito as coisas e só querem ver na TV modelos de sucesso. Quando as personagens fogem aos padrões, elas logo pensam: eu sou hetero e não tenho uma relação tão positiva quanto elas, que são ricas, bonitas e felizes (Jane Pantel, presidente da Associação de Lésbicas da Bahia).<sup>54</sup>

Após a explosão do shopping e da morte das lésbicas, boa parte dos telespectadores manifestou o desejo de voltar a vê-las na trama:

Veja que coisa interessante... do “não” que se levantou e ecoou pelo país, lentamente foi surgindo um “sim”, pois existe um lugar onde está a nossa humanidade. As pessoas vão demonstrando essa moralidade completamente relativa que nossos “eus” têm (Christiane Torloni).<sup>55</sup>

Muitos foram os protestos contra a morte das lésbicas. Desde uma missa seguida por um enterro simbólico organizado pelo Grupo Ação, de São Paulo, até sites na Internet, telefonemas para a Globo e cartas para os cadernos de TV da mídia impressa:

Matar homossexuais é um recurso que existe desde a inquisição. Repudiamos a decisão do autor de Torre de Babel de matar o casal de lésbicas. Isso representa um afago ao conservadorismo. Nós do Identidade, grupo que luta pelos direitos dos homossexuais, somos contra a arte que imita o pior da vida (Grupo Identidade, SP).<sup>56</sup>

A Secretaria de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis e o Grupo Gay e Lésbico da Bahia solicitam a todos (as) que lutam por uma sociedade mais justa e igualitária, respeitadora da livre orientação sexual dos cidadãos e cidadãs, que apoiem este protesto contra a Rede Globo, por ter



tirado do ar o casal de lésbicas da novela Torre de Babel, que, de forma tão delicada e sutil, mostrava um relacionamento digno e tranqüilo de duas mulheres. A mesma Globo que há dois anos não se curvou à homofobia de certos setores mais retrógrados da nossa sociedade mantendo no ar o casal gay Jefferson e Sandrinho na novela A Próxima Vítima, agora imita a inquisição, “explodindo” as lésbicas (Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia).<sup>57</sup>

Os corpos de Leila e Rafaela não seriam encontrados sob os escom-bros do shopping, o que poderia deixar em suspenso uma possível volta das duas. Essa dúvida permitiria saber se a reação contra as lésbicas viria mesmo do grande público ou se seria apenas fruto da militância moralista de alguns.

Tendo em vista essa pluralidade de argumentos e de atores que manifestaram seus pontos de vista a respeito da temática da homossexualidade, podemos perceber como certos assuntos, ao tornarem possível uma conexão entre o particular e o geral, mobilizam e convidam à livre expressão de perspectivas dentro do debate.

Uma discussão pública pode nos mostrar que, apesar de tudo, nós temos algo em comum, que nós somos um “nós”, e concordamos com, ou pressupomos certos princípios que constituem nossa identidade coletiva. Estas se tornam as dimensões de conteúdo de normas legais legítimas e a fundação da solidariedade social (Cohen & Arato, 1992:368).

A deliberação pública oferece aos indivíduos e grupos a possibilidade de dialogarem sem deixar de lado suas especificidades, pois a função da deliberação é fazer com que as singularidades, ao mesmo tempo, enriqueçam e sejam contempladas por uma reflexão e/ou solução razoável para todos, ainda que parcial.

## Considerações finais

Ao analisar o debate público que se processou na mídia impressa acerca das duas telenovelas nota-se, em primeiro lugar, a completa disparidade das reações dos telespectadores quanto aos personagens em questão. Enquanto Leila e Rafaela foram alvo da intolerância – terminando por serem brutalmente retiradas da trama –, Sandro e Jefferson obtiveram a estima e solidariedade do público. No final de *A Próxima Vítima*, os dois rapazes passam a morar juntos com as bênçãos de familiares e amigos.

De um lado, o debate acerca das lésbicas viu-se reduzido ao “temor” gerado pela visibilidade: “É bom ou é ruim que um casal de lésbicas apareça na novela das oito?” De outro lado, Sandrinho e Jefferson instauraram um debate que, potencialmente, podia envolver e afetar a todos: “Como alguém deveria lidar com um filho, colega, amigo ou irmão homossexual?” Esse tipo de questionamento nos remete às considerações de James Bohman e John Dryzek sobre a importância de uma forma dialógica conseguir estabelecer uma ponte entre o particular e o coletivo. Enquanto a história de Sandrinho e Jefferson se endereçava a todos, a história de Leila e Rafaela servia apenas como exemplo do caráter nocivo apresentado pela programação de TV. E ainda, enquanto a história dos dois adolescentes gays fez aflorar uma deliberação que visava realmente questionar quadros de entendimentos e idéias pré-concebidas, a história das lésbicas proporcionou, em grande parte, uma re-afirmação de posições já endurecidas. Assim, enquanto Leila e Rafaela mostraram aos telespectadores uma intimidade sexual “estranha”, definindo fronteiras entre um “nós” e um “eles”, Sandrinho e Jefferson revelaram o quão próximos “eles” estão de “nós” (Maia & Marques, 2002).

As telenovelas analisadas promoveram um espaço em que o não-problemático tornou-se questionável. Como apontamos anteriormente, representações que retratam gays e lésbicas como tipos risíveis e caricaturais são amplamente aceitas e fazem parte de um conhecimento compartilhado, construído conjuntamente, abrangendo as intuições e as certezas básicas de determinada comunidade. Diferentemente, representações que mostram gays e lésbicas felizes e bem sucedidos – como não excluídos, mas, sim, cidadãos virtuosos – destoam do que é aceito pelo senso comum. As representações de grupos de sexualidade estigmatizada apresentadas por *A Próxima Vítima* e *Torre de Babel* forneceram quadros interpretativos diferenciados para a argumentação efetuada numa deliberação pública.

Nas matérias examinadas, várias opiniões sobre o vínculo homoerótico foram expressas, perspectivas valorativas ponderadas, através de um processo reflexivo apresentado publicamente. Tal processo não teve como resultado uma decisão ou solução concreta. Contudo, ele nos revelou a complexidade da instauração de uma discussão pública baseada numa

questão específica, na qual não existiram parceiros fixos ou autorizados, mas a troca de razões e argumentos. Do estigma localizado no nível pré-discursivo, passou-se a um movimento deliberativo de reconstrução de sentidos e interpretações. Do senso comum passou-se, então, à reflexividade. Essa passagem é de grande importância, pois ressalta o fato de que a luta contra padrões culturais de injustiça deve envolver uma coletividade capaz de processar um conjunto de opiniões, para recompô-las nos termos de uma discussão.

Não se trata de indagar “qual foi o saldo dessa deliberação”, tendo em vista uma decisão, mas, sim, de perceber o valor do processo como um todo: a) a estruturação de um “espaço” de debate em que experiências mediadas e vividas se interceptem; b) a multiplicidade de temáticas, demandas e experiências que se tornam públicas; c) o posicionamento de diversos sujeitos plurais; d) a variedade de pontos de vista e de justificativas. Enfim, a análise desenvolvida não mostra somente que a sociedade falou sobre as telenovelas, mostra também “como” ela falou.

Mesmo que as vozes e os argumentos captados pela mídia fossem relativamente previsíveis, facilmente identificáveis com as posições de militantes de movimentos gays ou de representantes de organizações conservadoras, os elementos da deliberação encontram-se presentes. Certamente, não é o inusitado de opiniões inovadoras que sobressai na análise apresentada, mas o senso comum – constituído na convivência intersubjetiva, e através dela, a fim de se estabelecerem critérios e referências que possuem uma validade compartilhada. Contudo, o resgate do senso comum, expresso através de falas dos atores sociais, permitiu evidenciar que o “familiar”, quando aparece sob uma nova forma de apresentação, promove um deslocamento do campo do conhecimento implícito para o campo do questionamento explícito.

Por fim, a análise realizada faz ver o encontro entre “experiências biográficas” e “experiências mediadas”, através da própria mídia. O fato de os telespectadores terem recuperado experiências vividas – transformando-as numa narrativa –, buscando compará-las com as experiências referentes aos casais homoeróticos das duas telenovelas estudadas, nos faz pensar sobre a importância da “narrativização das experiências” nas situações em que os sujeitos tentam se fazer entender em meio a uma pluralidade de

parceiros de discussão. Deste modo, podemos também considerar que a luta contra as injustiças simbólicas se dá através da linguagem, das representações e dos sentidos que produzimos de forma coletiva. Representações que levam à opressão, à invisibilidade e ao desrespeito devem passar por procedimentos de contestação pública baseados na reconstrução e re-elaboração conjunta de sentidos, entendimentos e identidades.

## Referências bibliográficas:

AVRITZER, Leonardo. "Teoria Crítica e Teoria Democrática – do diagnóstico da impossibilidade da democracia ao conceito de esfera pública". In: *Novos Estudos Cebrap*, nº53, março 1999, pp.167-188.

\_\_\_\_\_. "Teoria Democrática e deliberação pública". In: *Lua Nova*, n.50,2000, pp.25-46.

BARKER, Chris. "Television and the reflexive project of the self: soaps, teenage talk and hybrid identities." In: *British Journal of Sociology*, 1997, 48 (4): 611-628.

BENHABIB, Seyla (ed.). *Democracy and Difference: contesting the boundaries of the political*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

BOHMAN, James. *Public Deliberation: pluralism, complexity, and democracy*. Massachusetts: Mit Press, 2000.

BOURDIEU, Pierre. "Algumas questões sobre o movimento gay e lésbico". In: \_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, pp.143-149.

CALHOUN, Craig. "The politics of identity and recognition". In: \_\_\_\_\_. *Critical Social Theory: culture, History, and the challenge of difference*. Cambridge: Blackwell, 1995.

COHEN, Jean & ARATO, Andrew. *Civil Society and Political Theory*. Cambridge: Mit Press, 1992.

COHEN, Joshua. Deliberation and democratic legitimacy. In Bohman, J. & Rehg, W. (Eds.), *Deliberative democracy*. London: MIT Press, 1997.

COOKE, Maeve. "Authenticity and Autonomy: Taylor, Habermas, and the Politics of Recognition". In: *Political Theory*, v.25, nº2, abril 1997, pp.258-288.

DRYZEK, John. *Deliberative Democracy and Beyond - Liberals, Critics, Contestation*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

FRASER, Nancy. "From Distribution to Recognition? Dilemmas of Justice

in a 'Postsocialist' Age". In: \_\_\_\_\_. *Justice Interruptus – critical reflections on the 'postsocialist' condition*. London: Routledge, 1997, pp.11-39.

FRY, Peter. *Para Inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

HABERMAS, Jürgen. "Struggle for Recognition in the Democratic Constitutional". In: GUTMANN, Amy (ed.). *Multiculturalism*. Princeton: Princeton University Press, 1994, pp.107-148.

\_\_\_\_\_. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

\_\_\_\_\_. "Actions, Speech Acts, Linguistically mediated interactions and lifeworld". In: COOKE, Maeve. *On the Pragmatics of Communication*. Cambridge: MIT Press, 1998, pp.215-256.

\_\_\_\_\_. "Further Reflections on the Public Sphere". In: CALHOUN, C. (ed). *Habermas and the Public Sphere*. Cambridge: Mit Press, 1992.

\_\_\_\_\_. "Discourse Ethics: Notes on a Program of Philosophical Justification." In: BENHABIB, Seyla & DALLMAYR, Fred (eds.). *The Communicative Ethics Controversy*. Cambridge: MIT Press, 1995, pp.60-110.

\_\_\_\_\_. "A Reply to my critics". In: THOMPSON, John; HELD, David (eds). *Habermas critical debates*. Cambridge: Mit Press, 1982.

\_\_\_\_\_. *Direito e Democracia: entre facticidade e validade*. Vol II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

\_\_\_\_\_. *Between facts and norms: contributions to a discourse theory of law and democracy*. Cambridge: Mit Press, 1996.

\_\_\_\_\_. *The Theory of communicative action: vol.II Lifeworld and system: a critique of functionalism reason*. Boston: Beacon Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *The Theory of communicative action: vol.I, Reason and the rationalization of society*. Boston: Beacon Press, 1984.

\_\_\_\_\_. "A Reply". In: HONNETH, Axel; HANS, J. (eds). *Communicative Action: essays on Jürgen Habermas's The Theory of Communicative Action*. Cambridge: Mit Press, 1991, pp.214-264.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997.

HAMBURGER, Esther. "Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano." In: SCWARCS, Lilia Moritz (org.). *História da Vida Privada no Brasil, v.4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp.439-487.

HONNETH, Axel. *The struggle for recognition: the moral grammar of social conflicts*. Cambridge: MIT Press, 1995.

LA PASTINA, Antonio. "The Sexual Other in Brazilian Television: Social and Institutional Constraints on Representations", 2001 no prelo.

MAIA, Rousiley Celi Moreira & MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. "Cultural Production and public debate on 'sexual other': the struggle for recognition in Brazil". In: *Intersections – The Journal of Global Communications & Culture*, Athens/ Greece, v.2, issues 3 - 4, summer 2002, pp.59-68.

MAIA, Rousiley Celi Moreira. "Identidade e Discurso: a inclusão do Outro". In: *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v.IV, n.1, junho de 2002.

\_\_\_\_\_. "Identity and politics of recognition in the information age", in: Kivikuru, Ullamajja (ed). *Contesting the frontiers: media and dimensions of identity*, Nordicom, Göteborg, 2001, p. 35-56.

\_\_\_\_\_. "O papel da mídia na pré-estruturação da esfera pública política". Texto apresentado no Congresso da IAMCR (International Association for Media and Communication Research), em Glasgow, 1998.

MONTEIRO, Marko. "O homoerotismo nas revistas *Sui Generis* e *Homens*." In: SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton. *A escrita de Adé*. São Paulo: Xamã, 2002.

MOTTER, Maria de Lourdes. "Telenovela e educação: um processo interativo". In: *Comunicação e Educação*, São Paulo, n.17, jan/abril, 2000, pp.54-60.

OLIVEIRA, Antonio Eduardo de. "Narrativas e homoerotismo". In: SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton. *A escrita de Adé*. São Paulo: Xamã, 2002.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PAPERMAN, Patricia. «Les émotions et l'espace public». In: *Quaderni*, n.18, automne, 1992.

PORTO, Mauro. "Idéias e fatos: telenovelas e imaginário político no Brasil". In: *Cultura Vozes*, n.6, nov/dez 1994, pp.83-93.

\_\_\_\_\_. "Telenovelas e controvérsias políticas: interpretações da audiência sobre *Terra Nostra*". Texto apresentado no XI Encontro da Compós, Rio de Janeiro, junho de 2002.

SILVA, Josué Pereira. "Cidadania e Reconhecimento". In: AVRITZER, Leonardo; DOMINGUES, José Maurício (orgs). *Teoria Social e modernidade no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, pp.123-135.

SOMERS, Margaret & GIBSON, Gloria. "Reclaiming the epistemological other: narrative and the social constitution of identity". In: CALHOUN, Craig (ed.) *Social Theory and the Politics of Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, pp.37-80.

SOUZA, Jessé. "A dimensão política do reconhecimento social". In: AVRITZER, Leonardo; DOMINGUES, José Maurício (orgs). *Teoria Social e modernidade no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, pp.159-206.

TELLES, Vera da Silva & PAOLI, Maria Celia. "Direitos sociais, conflitos e negociações no Brasil contemporâneo". In:ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: UFMG, 2000, pp. 103-148.

THOMPSON, John. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

YOUNG, Iris Marion. "Difference as a Resource for Democratic Communication". In: BOHMAN, James & REHG, William. *Deliberative Democracy*. Cambridge: MIT Press, 1997, pp.383-406.

\_\_\_\_\_. "Communication and the Other: beyond Deliberative Democracy". In: BENHABIB, Seyla (ed.). *Democracy and Difference: contesting the boundaries of the political*. Princeton: Princeton University Press, 1996, pp121-132.

## Notas

2 As representações são construídas por meio da linguagem, a fim de conferirem sentido às experiências vividas. Nesse sentido, podemos questionar se existe uma única representação, ou uma representação que fosse adequada para expressar a experiência homoerótica. Podemos também identificar dois tipos de representações: uma mais cristalizada e fechada (entre as representações estereotipadas de personagens homossexuais estão a bicha louca, o desmunhecado, o gay que dá pinta, a lésbica que é mecânica ou caminhoneira, etc.) e outra mais fluida, aberta às nuances e opacidades trazidas pelas experiências (são representações que não se restringem a um aspecto apenas das personagens homossexuais, mas exploram suas várias "faces").

3 Consideramos que a concepção de "grupos de sexualidade estigmatizada" - cunhada por vários autores, entre eles Nancy Fraser (1997), reflete com maior propriedade o fato de que os sujeitos homoeróticos sofrem injustiças simbólicas ligadas a representações culturais opressoras e que, portanto, lutam para modificar os vocabulários e quadros de entendimento que norteiam as práticas comunicativas da sociedade. Sendo assim, enfatizamos não a nuance pejorativa do termo, mas sua capacidade de

instigar o debate público, configurando-se como ponto de reflexão para contestações e formas de resistência.

- 4 Ver a reportagem de capa da revista *Veja*: ANTUNES, Camila. "A força do arco-íris", 22/06/03.
- 5 Em 1992, a telenovela *Pedra sobre Pedra* (Globo) trouxe o personagem Adamastor, um *barman* apaixonado pelo dono do cassino no qual trabalhava. No final da telenovela, o sentimento de Adamastor não é correspondido por seu patrão, mas um policial recém chegado à cidade dá um tom de final feliz ao personagem. Aguinaldo Silva, autor dessa telenovela, disse, na época, que, ao procurar mostrar várias facetas de um personagem gay – e não somente aquela ligada a marcas estigmatizantes - procurou quebrar os preconceitos da sociedade.
- 6 O processo de deliberação pública pode ser entendido através de duas concepções distintas. A primeira delas refere-se à deliberação como um momento destinado a decidir e solucionar questões problemáticas. Geralmente esse momento é associado às plenárias realizadas em assembleias ou no Congresso Nacional. Este uso do termo indica que o objetivo da deliberação é alcançar respostas imediatas através da tomada de decisões. A segunda refere-se um processo reflexivo, em que "um ou mais agentes avaliam as razões envolvidas em uma determinada questão" (Avritzer, 2000:25).
- 7 Globo, Sílvio de Abreu, 20h, período de exibição:13/03/95 a 4/11/95.
- 8 Globo, Sílvio de Abreu, 20h, período de exibição: 25/05/98 a 15/01/99.
- 9 Dada a grande diversidade de veículos que dedicaram espaço para a discussão acerca da presença dos homossexuais nas telenovelas, não elegemos um veículo específico para focar nossa análise. Nosso enfoque não são veículos midiáticos específicos, mas a pluralidade de "vozes" que se manifestaram a partir da polêmica instaurada pelas telenovelas em questão.
- 10 Falamos em foco discursivo, para evidenciar a pluralidade de atores, mas, ao mesmo tempo, lembrar que cada ator (grupo, indivíduo ou organização) contribui para o debate com perspectivas distintas, porém parciais. Segundo Habermas, "na esfera pública as informações e argumentos são elaborados na forma de opiniões focalizadas a partir dos contextos comunicacionais das pessoas virtualmente atingidas"(1997:94).
- 11 Foram examinadas matérias veiculadas em jornais impressos nacionais como *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Estado de S. Paulo*, revistas semanais como *Veja*, *Isto é* e *Manchete* e algumas revistas destinadas ao público GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) – como *Sui Generis*, *G Magazine* e *Um Outro Olhar*. Selecionamos 60 "textos" da mídia impressa, entre artigos, matérias, cartas, entrevistas, depoimentos, notas e reportagens. O critério utilizado para a seleção foi o assunto discutido em cada texto. Privilegiamos aqueles que tratavam da homossexualidade tendo como base as telenovelas e respectivos casais analisados. Esses textos são referentes ao período de divulgação e veiculação das duas telenovelas estudadas, isto é, aos anos de 1995 (*A Próxima Vítima*); 1998 e 1999 (*Torre de Babel*). Ocasionalmente, encontramos alguns textos de anos posteriores e anteriores à veiculação das tramas (1997, 2000, 2001 e 2002), dentre os quais alguns foram extraídos de sites da internet.
- 12 SOUZA, Ana Cláudia. "Touché". In: *Sui Generis*, n.6, outubro 1995.
- 13 RIBEIRO, Marili. "A TV encara a família". In: *Jornal do Brasil*, 27/08/95.
- 14 REIS, Renata. "Uma amizade na boca do povo". In: *O Globo*, 02/04/95.
- 15 ANTENORE, Armando. "Militantes gays comentam a novela". In: *Folha de S. Paulo*, 04/06/95.



- 16 MACHADO, Paula. "Os tabus entram em cena nas novelas". In: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/home/caderno/artigo/0,2945,703445,00.html>>.
- 17 RIBEIRO, Marili. "A TV encara a família". In: *Jornal do Brasil*, 27/08/95.
- 18 MOREIRA, Paulo Ricardo. "Enfim Assumidos". In: *O Dia*, 27/07/95.
- 19 ANTENORE, Armando. "Militantes gays comentam a novela". In: *Folha de S. Paulo*, 04/06/95.
- 20 LEMOS, Antonina. "Quero falar uma coisa: sou homossexual." In: *Folha de S. Paulo*, 07/08/95.
- 21 LEMOS, Antonina. "Quero falar uma coisa: sou homossexual." In: *Folha de S. Paulo*, 07/08/95. Em *Torre de Babel*, a personagem Rafaela (Christiane Torloni) é expulsa de casa aos 16 anos. Mas nem por isso cai na marginalidade. Pelo contrário, sua dignidade é resgatada com a ajuda de Bárbara, que lhe apresenta o mundo, lhe dá amparo e uma profissão.
- 22 SAMPAIO, Paulo. "Negros gays aprovam personagem de novela". In: *Folha de S. Paulo*, 28/10/95.
- 23 SAMPAIO, Paulo. "Negros gays aprovam personagem de novela". In: *Folha de S. Paulo*, 28/10/95.
- É importante deixar claro que lutas por reconhecimento e por redistribuição se encontram entrelaçadas e inter-determinadas. Grupos que lutam contra representações estigmatizantes e alcançam sucesso derrubam um dos vários obstáculos que os impedem de ter acesso a bens materiais. De maneira similar, grupos que lutam contra uma injusta divisão de renda, por exemplo, ao alcançarem sucesso, podem se deparar com representações mais positivas acerca de si mesmos, melhorando, assim, a comunicação com outros grupos e instituições.
- 24 SAMPAIO, Paulo. "Negros gays aprovam personagem de novela". In: *Folha de S. Paulo*, 28/10/95.
- 25 SAMPAIO, Paulo. "Negros gays aprovam personagem de novela". In: *Folha de S. Paulo*, 28/10/95.
- 26 SAMPAIO, Paulo. "Negros gays aprovam personagem de novela". In: *Folha de S. Paulo*, 28/10/95.
- 27A telenovela *Vale Tudo* (1988), de Gilberto Braga, também foi lembrada por várias matérias da mídia impressa para contextualizar o aparecimento das lésbicas na ficção televisiva. Nessa telenovela, Lais (Cristina Prochaska) e Cecília (Lala Dehenzelin) têm um envolvimento afetivo retratado, contudo, de maneira muito sutil. Pressionada pela censura da época, a direção decide "matar" Cecília, fazendo com que Lais lute por seus direitos de "viúva" sobre a herança deixada pela companheira. No final da novela, Lais fica com a herança e encontra outra companheira.
- 28 MARCOLINO, Karla. "A Globo entra de sola". In: *O Dia*, 22/04/98. (Todas as falas foram retiradas desta matéria).
- 29 FERNANDES, Lilian. "Amor Sólido e equilibrado entre iguais". In: *O Globo*, 05/04/98
- 30 BARCELLOS, Luciana. "Lindas, fortes e apaixonadas". In: *O Dia*, 05/04/98.
- 31 NUNES, Mara. "Casal lesbian chic dá o (bom) tom em horário nobre". In: *Um Outro Olhar*, maio 1998.
- 32 "Novela *Torre de Babel* causa indignação". In: *Estado de S. Paulo*, 30/05/98.
- 33 Cf. Cartas ao jornal *O Globo*, 21/06/98.

- 34 Cf. Cartas à revista *Isto é*, 24/06/98.
- 35 FERNANDES, Lilian. "Mente e coração abertos". In: *O Globo*, 08/06/98.
- 36 Cf. Cartas ao jornal *O Globo*, 26/07/98.
- 37 Cf. Cartas ao jornal *O Globo*, 12/07/98.
- 38 DANTAS, Rui. "Para TFP, novela é veneno". In: *Folha de S. Paulo*, 12/07/98.
- 39 DANTAS, Rui. "Para TFP, novela é veneno". In: *Folha de S. Paulo*, 12/07/98
- 40 "Grupo pede boicote". In: *Folha de S. Paulo*, 07/06/98.
- 41 LEE, Anna. "Sociedade pode vir a controlar rádio e TV". In: *Folha de S. Paulo*, 01/06/98.
- 42 Cf. Cartas ao jornal *O Globo*, 19/07/98.
- 43 "O preconceito venceu". In: *Isto é gente*: <[www.terra.com.br/istoegente/135/reportagens/preconceito\\_venceu\\_02.htm](http://www.terra.com.br/istoegente/135/reportagens/preconceito_venceu_02.htm)>.
- 44 Cartas à revista *Isto é*, 24/06/98.
- 45 "O preconceito venceu". In: *Isto é gente*: <[www.terra.com.br/istoegente/135/reportagens/preconceito\\_venceu\\_02.htm](http://www.terra.com.br/istoegente/135/reportagens/preconceito_venceu_02.htm)>.
- 46 MARCOLINO, Karla. "A Globo entra de sola". In: *O Dia*, 22/04/98.
- 47 REIS, Renata. "Uma amizade na boca do povo". In: *O Globo*, 02/04/95.
- 48 FONSECA, Celso. "Sexo, drogas e violência". In: *Isto é*, 17/06/98.
- 49 RAMALHO, Cristiane. "Mulheres que se amam". In: *Manchete*, 06/06/98.
- 50 MAZZARO, Marcos. "Babel de Paixões". In: *Sui Generis*, n.33, ano IV, 1998.
- 51 JÚNIOR, Gonçalo. Extraído do site: <<http://www.observat6riodaimprensa.com.br/artigos/qtv300520012.htm>>, no dia 25/05/2001.
- 52 Ver: PAIXÃO, Roberta. "Gambiarra Urgente". In: *Veja*, 01/07/98.
- 53 Ver: PAIXÃO, Roberta. "Gambiarra Urgente". In: *Veja*, 01/07/98.
- 54 CARPEGGIANI, Janaína. "Torre fica de pé, mas a polêmica vai pelos ares". In: *Jornal do Comércio*, 15/07/98.
- 55 MANNE, Kaike. "Divã na telinha". In: *Contigo*, 25/08/98.
- 56 Seção de Cartas. In: *Folha de S. Paulo*, 19/07/98.
- 57 Extraído do site: <<http://www.geocites.com/stevanfl/explosao.htm>>